

O cânion
é um dos
cinco mais
profundos
do mundo



Nas montanhas andinas

No dia seguinte, levantamos cedo para uma expedição por terra. Rumamos para as entradas das montanhas andinas, o Vale do Colca, onde encontrámos banhos termais com águas vulcânicas, terrazos agrícolas dos períodos pré-incaicos e Inca, povoados isolados, llamas, alpacas e a ave mítica que habita aquelas regiões: o condor-dos-Andes, a maior ave voadora do mundo, que ocupa um papel central no folclore e na cosmovisão das populações andinas.

Foi nessa parte da viagem que tivemos o primeiro contato com as folhas de coca, a planta utilizada há milênios no combate ao mal de altitude e em cerimônias religiosas. Até os dias de hoje, habitantes dos Andes utilizam a folha de coca para ler o futuro. No período pré-colonial, a coca era reservada às elites incas. Com a chegada dos espanhóis, o uso das folhas começou a ser difundido nas outras camadas da população, já que trazia propriedades como ganho

de energia e diminuição da fome e da sede. Passou, então, a ser utilizada como ferramenta de aumento de produtividade dos povos escravizados na região.

Nossa rota rumava para o norte e contornava os vulcões Chachani e Misti. De lá, passamos por regiões desérticas marcadas pela presença de diferentes tipos de cactos e, depois de algumas horas, chegamos ao povoado de Patahuasi, a 4.100 metros de altitude. Lá, paramos para degustar um mate andino feito com folha de coca, muña e outras ervas nativas: uma parada importante para preparar o corpo para a altitude.

No povoado, também conhecemos o Wayno, um tradicional ritmo musical andino, e visitamos um bazar onde os produtos de diferentes cooperativas são vendidos, principalmente roupas típicas de lã de alpaca e vicuña, uma outra espécie de camelídeo andino que produz a fibra mais fina do planeta — um cachecol de pelo de vicuña pode chegar a custar US\$ 10 mil. A alguns quilômetros

de Patahuasi, tivemos nosso primeiro encontro com os camelídeos. Toda a região é uma reserva ambiental, e os bichos vivem soltos, geralmente em grupos. Em alguns locais à beira das estradas, grupos de llamas e alpacas domesticadas repousam pacificamente ao lado de pequenas lojinhas, e turistas podem tirar fotos e até fazer carinho nos bichos. Mas ao sinal de movimentos bruscos ou ameaçadores, eles podem reagir com cusparadas!

O tempo nos Andes muda radicalmente em questão de minutos. Se há alguns quilômetros (e algumas centenas de metros de altitude abaixo) atravessamos desertos quentes, agora, de súbito, nos vimos em meio a uma nevasca. Estávamos nos aproximando da marca dos 5 mil metros de altitude, na beira da cratera do vulcão Chucara, hoje inativo, quando fomos surpreendidos pela neve. Outro susto, e a paisagem, que era árida, agora estava tingida de branco.

Após uma viagem que totalizou seis horas, chegamos ao nosso destino. No Vale do Colca, um sistema complexo de terrazos, organizados como escadarias, foram utilizados há milênios para dominar as encostas das montanhas e possibilitar o plantio de diferentes alimentos, como milho e batatas, e também a domesticação de animais. A maioria continua firme e forte até hoje e ainda é utilizada na agricultura.

O Vale do Colca é o lar da dança folclórica Wititi, que testemunhamos em Arequipa. É, também, a região onde foi encontrada, nos anos 1990, a múmia da menina Juanita, que teria sido oferecida em sacrifício há mais de 500 anos para acalmar os deuses e os vulcões, que naquele período castigavam a região. A muña, tipo de menta andina que já cruzou nosso caminho algumas vezes, era muito utilizada pelos povos das montanhas para o embalsamento de múmias. Vale dizer que as múmias mais antigas já encontradas no planeta, que datam de mais de 5 mil anos a.C. (ou seja, 2 mil anos mais antigas que as egípcias) pertencem à cultura Chinchorro, um povo que habitava a região entre o sul do Peru e o norte do Chile.

Na região do Colca, há ainda grandes cordilheiras e vulcões ativos até os dias de hoje, como o Sabancaya, do qual vimos fumaça sair do cume. Como se não bastasse, estão na região as duas montanhas de onde fluem os riachos glaciais identificados como as fontes mais longínquas do Rio Amazonas: os montes Mismi e Qewicha.

Depois de uma rápida passagem pelo povoado de Chivay, chegamos à nossa hospedagem: Aranwa, pueblito encantado del Colca, um hotel recluso, incrustado no vale, entre o Rio Colca e os terrazos pré-incaicos. Ali, provei pela primeira vez a carne de alpaca, iguaria local servida com uma leve salada de quinoa, outro cereal andino. Na sequência, seguimos para as piscinas de águas termais, extremamente relaxantes, ainda mais diante daquela vista. Mas é importante que o banho não ultrapasse os 30 ou 40 minutos, já que parcela dos minerais presentes na água são absorvidos pelo corpo e, em excesso, podem causar algum mal-estar, como dor de cabeça.